

**FIEL, DE JESSÉ ANDARILHO: UM EXERCÍCIO PARA PENSAR A  
LITERATURA MARGINAL**

Silvana Gili (UFSC)

A partir da leitura do romance *Fiel*, de Jessé Andarilho, e de entrevistas e depoimentos concedidos pelo autor, buscarei problematizar a presença (ou ausência) no mercado literário atual de autores advindos de classes socioeconômicas mais baixas, propondo uma reflexão sobre os espaços de criação literárias instituídos por iniciativas de órgãos não-governamentais como são os cursos oferecidos pela Central Única das Favelas – CUFA – e os encontros com autores organizados pela Festa Literária das Periferias – FLUPP. Interessa-nos considerar, para este trabalho, além dos aspectos narrativos do romance, algumas das condições que determinaram o aparecimento dessa obra no mercado, a saber, as condições em que foi escrita e o percurso traçado pelo autor desde a concepção da ideia para o romance até o momento da sua publicação. Dessa forma, busca-se investigar a reciprocidade entre arte e sociedade ao tentar determinar como essa obra se inscreve no contexto sócio-cultural em que se situa, nesse momento em que a chamada *literatura marginal* parece encontrar espaço no mercado literário atual.

***Fiel* e a Literatura Marginal**

Em 1997, Roberto Schwarz saudou a publicação, pela Cia. das Letras, do romance de Paulo Lins, *Cidade de Deus*, considerando-o um *acontecimento*<sup>1</sup>, indicador de novos tempos ao cunhar o termo *neofavela*, ou seja, a favela “reformada pela guerra entre os traficantes de droga e pela correspondente violência e corrupção da polícia” (SCHWARZ, 1997). Outros títulos, como por exemplo *Quarto de Despejo* (Ed. Francisco Alves, 1960), de Carolina Maria de Jesus, que também tratam do universo da

---

<sup>1</sup> No artigo intitulado *Uma aventura artística incomum*, publicado na Revista Mais! da Folha de São

favela, são bem anteriores a *Cidade de Deus*. No entanto, a publicação desse segundo, editado por uma editora comercial como a Cia. das Letras com amplo poder de divulgação e distribuição nacional, pode ser considerada um marco na produção de literatura de autores que não advém das classes dominantes. Pode-se dizer, portanto, que as publicações que narram a favela, seus moradores, e o convívio diário com a violência estão presentes no mercado das editoras *mainstream* há quase vinte anos.

É só a partir do século XXI, no entanto, que proliferam as publicações desse gênero. Nem todas aparecem, de imediato, nos catálogos de editoras comerciais, mas pode-se perceber que, a cada ano, mais e mais autores provenientes das periferias dos grandes centros urbanos brasileiros encontram espaço no mercado literário atual. Esse é o caso de Jessé da Silva Dantas, mais conhecido como Jessé Andarilho. *Fiel* é seu romance de estreia, publicado pela Editora Objetiva em 2014. Assim como *Cidade de Deus*, o romance trata da violência decorrente dos conflitos entre facções criminosas que dominam as favelas do Rio de Janeiro e policiais, discorrendo sobre o efeito desses conflitos na vida diária dos seus moradores. Pensar essa produção e as representações que traz de um universo muito particular dos grandes centros urbanos brasileiros é pensar as relações entre cultura e sociedade pois, segundo Rejane Pivetta, a literatura chamada *marginal* “interfere nos processos de produção, recepção e circulação da obra literária, deslocando posições canônicas acerca do conceito, da função e da relação da literatura com a sociedade” (2011)<sup>2</sup>.

Para falar dessa produção que tem traços tão particulares, faz-se necessário discutir sua nomenclatura. Em *Vozes Marginais da Literatura*<sup>3</sup>, Érica Peçanha do Nascimento explica como o termo *literatura marginal*, mais comumente associado ao movimento de autores dos anos 1970 que criaram alternativas aos padrões tradicionais de criação e circulação literárias, é apropriado e ressignificado pelo autor Ferréz que o utiliza em diferente acepção nos primeiros anos do século XXI. Ferréz usa o termo *literatura marginal*

[...] para referir-se ao tipo de literatura que produzia e a de uma série de escritores com semelhante perfil sociológico, que estavam publicando entre o final dos anos 1990 e o começo do novo século, uma classificação representativa do contexto social nos quais estariam inseridos: à margem da produção e do consumo de bens econômicos e culturais, do centro geográfico das cidades e da participação político-social (DO NASCIMENTO, 2009)

<sup>2</sup> Revista Ipotesi, Juiz de Fora, v.15, n.2 - Especial, p. 31-39, jul./dez. 2011

<sup>3</sup> Livro que faz parte da coleção Tramas Urbanas, da editora Aeroplano, publicado a partir de sua dissertação de mestrado em antropologia pela Universidade de São Paulo – USP.

Podemos, assim, associá-lo a uma produção bastante atual que coloca em questão não apenas as relações da literatura com o mercado e com as instituições que a reconhecem e validam, mas também a relação de seus autores com a sociedade. Segundo Andrea Hossne, o termo é bastante amplo e abarca diversos sentidos distintos. De acordo com a pesquisadora, a *literatura marginal* é “aquela produzida fora de um circuito editorial estabelecido ou fora do cânone”. Pode ser também “aquela que se coloca, voluntariamente, contra o cânone [...] fazendo um tipo de oposição aos valores literários de uma época”. Pode ser, ainda, “não apenas uma literatura que está excluída de alguma coisa ou que está se excluindo de alguma coisa, mas que é produzida por quem está excluído” (HOSSNE, 2003).

O fato de ser produzida por autores que vivem à margem da sociedade dá à essa produção um caráter peculiar. A periferia aqui é narrada desde o seu interior por vozes que conhecem intimamente suas minudências e idiossincrasias, vozes essas que falam por si, dispensando qualquer tipo de mediação. Ao assumirem para si a tarefa de narrar-se, esses autores assumem, também, o protagonismo vinculado ao movimento de criação e produção literária. Segundo Pivetta,

O aspecto característico da literatura marginal contemporânea é o fato de ser produzida por autores da periferia, trazendo novas visões, a partir de um olhar interno, sobre a experiência de viver na condição de marginalizados sociais e culturais. Essa é uma diferença crucial, pois a maior parte dos escritores que povoaram suas páginas com os marginais e marginalizados da sociedade, salvo algumas poucas exceções, não pertencem a essa classe de indivíduos, senão que assumem o papel de porta-vozes desses sujeitos, falando em seu lugar, assumindo a sua voz. Não é o que acontece com os escritos “da” periferia (e não “sobre” a periferia), os quais transformam tanto o foco da representação da vida marginal, como conferem um novo *ethos* à produção literária e cultural, apresentando-se como uma resposta aos discursos daqueles que falam no lugar dos marginalizados. (PIVETTA, 2011)

Sendo assim, os autores autodenominados marginais desarticulam sua posição de subalternidade, posicionando-se como produtores culturais que apresentam sua própria perspectiva e visão de mundo a diversas esferas da sociedade. Suas obras não apenas informam ou relatam experiências concretas dos grupos sociais aos quais pertencem, mas também ajudam, através de seu discurso, a construir essa experiência. O fato de começarem a ganhar espaço em editoras com grande alcance mercadológico torna possível que suas vozes sejam ouvidas em diferentes âmbitos sociais, tornando sua

própria existência? realidade? mais visível não apenas para outros, mas também para si mesmos.

## O autor

Em entrevista concedida a José Luiz Goldfarb, em 2015, no programa Nova Stella – Ciência e Debate, da TV PUC-SP, Jessé Andarilho conta como chegou à publicação de seu romance. Apesar de haver frequentado a escola, afirmou que não gostava de ler nem de escrever e que não obteve muito sucesso acadêmico. O que despertou seu interesse para a literatura foi o encontro com o livro *No coração do Comando*<sup>4</sup> (Ed. Record, 2002), do jornalista Julio Ludemir, emprestado por uma amiga. A partir dessa leitura, Jessé Andarilho buscou outros livros que “pareciam filme” e que “falavam da favela” (DANTAS, 2015). Essa busca reflete o desejo de encontrar narrativas que tratassem de realidades próximas à sua. Seguiu-se, então, a leitura de outros títulos como *Cabeça de Porco*<sup>5</sup> (Objetiva, 2005), de MV Bill, Celso Athayde e Luiz Eduardo Soares, *Capão Pecado*<sup>6</sup> (Objetiva, 2005), de Férrez, *Abusado*<sup>7</sup> (Record, 2009), de Caco Barcelos, e *Falcão: meninos do tráfico*<sup>8</sup> (Objetiva, 2006), de Celso Athayde e MV Bill.

---

<sup>4</sup> Narra o romance entre Valéria, sobrinha de um chefe do Terceiro Comando, e Marquinho, integrante de primeira hora do Comando Vermelho – uma quase versão de Romeu e Julieta dos presídios cariocas.

<sup>5</sup> *Cabeça de Porco* é resultado de um trabalho em duas fontes - entrevistas e filmagens feitas por MV Bill e seu empresário Celso Athayde nos últimos 15 anos em favelas de nove estados brasileiros sobre crianças e jovens que vivem no mundo do crime, suas razões e a dimensão humana de suas vidas. A esta pesquisa original, relatada com a emoção de quem assistiu de perto à situações perigosas, se associam os textos do antropólogo Luiz Eduardo Soares - um conjunto de registros etnográficos apurados ao longo dos últimos sete anos, sobre juventude, violência e polícia.

<sup>6</sup> *Capão Pecado* conta a história de Rael, um garoto que sonha ser escritor, e se apaixonou pela namorada do melhor amigo. Neste livro, o autor busca expor os códigos, o cotidiano de Capão Redondo, região na periferia de São Paulo. Inicialmente publicado pela editora Objetiva, foi relançado, em 2013, pela editora Planeta do Brasil.

<sup>7</sup> *Abusado*, livro-reportagem de Caco Barcelos, é uma lição sobre a lógica, os meandros e o 'modus operandi' das corporações criminosas que comandam o tráfico de drogas e outras atividades criminosas no Estado. Através da história de Juliano VP - sua infância, adolescência, entrada e ascensão no tráfico de drogas na favela Santa Marta (em Botafogo, bairro de classe média) -, temos um retrato da ocupação do morro pelo Comando Vermelho e da implantação de sua disciplina. Mas não é apenas um livro sobre a história do tráfico. Juliano é um personagem fascinante, um criminoso com refinado gosto literário, preocupado com o destino da comunidade favelada do Rio de Janeiro e cujos contatos iam dos violentos chefes do CV até importantes intelectuais cariocas.

<sup>8</sup> Este livro é um relato pessoal de Celso Athayde e MV Bill dos bastidores da produção de um documentário sobre o universo dos meninos que trabalham no tráfico de drogas em diversas partes do país. Narrado em primeira pessoa, o livro pretende revelar as dramáticas experiências que Celso e Bill vivenciaram antes e durante a realização do documentário 'Falcão', projeto que iniciaram em 1998 e terminaram em 2006. Os autores também discutem temas como racismo, segurança pública, repressão policial e a importância do Hip Hop para a juventude que vive nas favelas. Dos 17 meninos entrevistados, 16 morreram ao longo da produção do documentário. Inicialmente publicado pela editora Objetiva, foi relançado, em 2010, pela editora Ponto de Leitura.

As obras listadas acima têm em comum o cenário violento de espaços urbanos dominados por facções criminosas envolvidas com o tráfico de drogas. No entanto, o foco desses livros não é, em todos os casos, a violência em si, mas os dramas vividos pelas pessoas que circulam e convivem com essas situações de violência. A necessidade de narrar-se faz-se manifesta no momento em que Jessé percebe, talvez através dessas leituras<sup>9</sup>, que sua narrativa é possível, ou seja, que as experiências por ele vividas também podem servir de material para uma representação do mundo a partir de seu próprio ponto de vista. Segundo Antonio Candido

[...] a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. (CANDIDO, 2011, p. 30)

O impacto gerado pela leitura de livros com os quais se identificou promovem uma reconceitualização do próprio ato de escrever. Apesar de ser uma **atividade** que não lhe aprazia, escrever tornou-se **ferramenta** para elaborar e significar o espaço que habita e todas as situações que nele vive.

Jessé Andarilho é, de acordo com sua página na rede social *Facebook*, “escritor, poeta, produtor cultural, repórter, e mediador de conflito.” Essa multiplicidade de atribuições está em consonância com o perfil de outros autores oriundos da periferia, assim como dos autores contemporâneos em geral, já que são muito poucos aqueles que se dedicam exclusivamente à escrita literária. A diferença, no caso de autores como Jessé Andarilho, é que seus esforços são direcionados tanto com o intuito de buscar um sustento através dessas atividades, quanto com o objetivo de movimentar o cenário cultural da periferia como um todo. De acordo com seu próprio relato, seu encontro com a literatura desencadeou um processo de conscientização a respeito de possibilidades profissionais das quais, anteriormente, nem tinha conhecimento, ou não percebia como pertencentes a seu universo.

Isso não teria sido possível, no entanto, se não houvesse tido a oportunidade de fazer um curso na Escola Popular de Comunicação Crítica – ESPOCC<sup>10</sup> – mantida pelo

---

<sup>9</sup> Faço essa relação a partir daquilo que Jessé Andarilho relata na entrevista do programa Nova Stella. Ele diz, a certa altura, que depois de concluir a leitura de *Zona de Guerra*, de Marcos Lopes, comentou com um amigo que tinha “muitas histórias como as dele e algumas até melhores” (DANTAS, 2015, p.209) quanto aquelas que acabara de ler no livro.

<sup>10</sup> A Escola Popular de Comunicação Crítica (Espocc) foi criada em agosto de 2005 pela organização da sociedade civil Observatório de Favelas, no conjunto de favelas da Maré, no Rio de Janeiro. Seu objetivo é iniciar jovens e adultos de espaços populares em conhecimentos e vivências da teoria, metodologia e linguagens da comunicação popular, visando potencializar sua ação crítica e transformadora. A iniciativa

Observatório de Favelas<sup>11</sup>. A importância de organizações como o ESPOCC para a reafirmação de jovens oriundos de espaços populares é clara, na medida em que oferecem às populações das favelas alternativas aos meios tradicionais de educação e formação. Isso implica na descoberta de possibilidades de atuação profissional e/ou cultural em espaços relegados a um segundo plano nas políticas públicas para melhoria de áreas urbanas.

O Observatório de Favelas cita, em sua página de internet, seu objetivo de “afirmar uma agenda de Direitos à Cidade, fundamentada na ressignificação das favelas, também no âmbito das políticas públicas”. Reconhecendo a multiplicidade de fatores implicados na reprodução das desigualdades, atuam em cinco áreas distintas – políticas urbanas, educação, cultura, comunicação, e direitos humanos. Dessa forma, buscam vincular suas ações às experiências reais dos participantes que compõem seu quadro e que “buscam contribuir para a formulação e avaliação de políticas públicas voltadas para a superação de desigualdades sociais”.

A missão do Observatório de Favelas materializa-se na realização de projetos como a Escola Popular de Comunicação Crítica que oferece cursos nas áreas de Comunicação, Cultura e Sociedade, Audiovisual, e Criação Digital. Essa proposta integradora parece responder às indagações que Walter Benjamin faz a respeito do intelectual no ensaio de 1934, *O autor como produtor*: “Consegue promover a socialização dos meios de produção intelectual? Vislumbra caminhos para organizar os

---

teve como parceiros a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), o Canal Futura e diversas organizações da área de comunicação e temas afins. Em novembro de 2006, depois de um ano de curso de extensão gratuito, a Escola formou a sua primeira turma de comunicadores, nas habilitações de Audiovisual, Jornalismo e Fotografia. A ESPOCC oferece a jovens e adultos moradores de espaços populares do Rio de Janeiro, acesso a diferentes conceitos, linguagens e técnicas na área em Publicidade Afirmativa – aquela que não visa o lucro ou a promoção de uma marca com fins estritamente comerciais, mas que promove valores de sociabilidade, a cultura e o empreendedorismo comunitário e socioambiental. Fonte: <http://www.espocc.org.br/>

<sup>11</sup> O Observatório de Favelas é uma organização da sociedade civil de pesquisa, consultoria e ação pública dedicada à produção do conhecimento e de proposições políticas sobre as favelas e fenômenos urbanos e que busca afirmar uma agenda de Direitos à Cidade, fundamentada na ressignificação das favelas, também no âmbito das políticas públicas. Criado em 2001, o Observatório é desde 2003 uma organização da sociedade civil de interesse público (OSCIP). Com sede na Maré, no Rio de Janeiro, sua atuação é nacional. Foi fundado por pesquisadores e profissionais oriundos de espaços populares, sendo composto atualmente por trabalhadores de diferentes espaços da cidade. Tem como missão a elaboração de conceitos, metodologias, projetos, programas e práticas que contribuam na formulação e avaliação de políticas públicas voltadas para a superação das desigualdades sociais. Para serem efetivas, tais políticas têm de se pautar pela expansão dos direitos, por uma cidadania plena e pela garantia dos direitos nos espaços populares. Fonte: <http://www.observatoriodefavelas.org.br/>

trabalhadores no próprio processo produtivo? Tem propostas para a refuncionalização do romance, do drama, da poesia?” (BENJAMIN, 1994, p. 136)

Além da experiência na ESPOCC, Jessé teve, também, a oportunidade de participar de encontros-oficinas com autores que participaram da segunda edição da FLUPP – a Festa Literária das Periferias<sup>12</sup>, em 2013. Segundo seu depoimento a Goldfarb, a cada encontro Jessé elaborava melhor suas concepções a respeito do processo de criação literária e aplicava aquilo que lhe parecia pertinente ao romance que já vinha escrevendo. Esses encontros serviram, portanto, como catalisadores de um movimento de reescrita. A forma se modificava de acordo com as ideias que lhe eram apresentadas nesses encontros, dando lugar à uma reelaboração de sua escrita.

Considerado esse percurso, é possível relacionar Jessé Andarilho à figura do autodidata que, segundo Pierre Bourdieu, “adquire sua cultura fora da ordem legítima instaurada pela instituição escolar” e “ignora as etapas e os obstáculos institucionalizados e padronizados, os programas e as progressões que transformam a cultura escolar em um conjunto hierarquizado e hierarquizante de saberes imprescindíveis.” (BOURDIEU, 2013, p. 307)

Vale levantar, neste ponto, um questionamento a respeito dos modelos educacionais prevalentes na atualidade. Atua, a escola de hoje, como espaço provocador, aberto ao pensar e, conseqüentemente, ao criar? Ou busca, apenas, no movimento mecanizado e repetitivo de ensinar, reproduzir o modo de pensar de um grupo específico?

## O Romance

O fato mais peculiar a respeito de *Fiel* é, provavelmente, o modo como foi escrito. Jessé trabalhava, naquele momento no centro da cidade do Rio de Janeiro e demorava, em deslocar-se, aproximadamente três horas até o local de trabalho. No meio do trem lotado, em movimento, Jessé tirava o celular do bolso e usava um aplicativo de

---

<sup>12</sup> Inspirado na FLIP – Festa Literária de Parati – a **FLUPP Pensa** busca realizar um processo continuado de formação de leitores e autores em comunidades periféricas da região Metropolitana do Rio. Ao longo de treze encontros, jovens têm a oportunidade de se aprofundar na produção literária e aprender com autores de grande expressão. Ao final das etapas, os 30 melhores pontuados têm seus textos publicados em livro. A FLUPP teve sua primeira edição em 2012 e foi idealizada pelo escritor Julio Ludemir, pelo escritor e pesquisador Ecio Salles, pela pesquisadora Heloisa Buarque de Hollanda, pelo antropólogo Luiz Eduardo Soares e pelo empresário Alexandre Mathias.

notas para escrever. Walter Benjamin já apontava, nos anos 1930<sup>13</sup>, para o potencial transformador das novas tecnologias de comunicação que ele acreditava oferecerem possibilidades de mudanças dos meios de produção.

É de Benjamin, também, um pequeno texto que fala sobre a leitura durante os trajetos percorridos em trem. Em *Literatura policial, em viagem*, Benjamin rende homenagem aos romances policiais que, segundo ele, são o material de leitura preferido para essas viagens. Colocando obras e autores assim, em evidência, apaga as diferenças entre “alta literatura” e “literatura popular”, estabelecendo o gênero policial como característico da própria modernidade.

Até aqui o que a leitura faz ao viajante. Mas o que a viagem não faz ao leitor? Quando está tão entretido na leitura a ponto de poder sentir com tanta certeza a existência de seu herói como a sua própria? Não é seu corpo a lançadeira que ao ritmo da roda faz incansavelmente a urdidura, o livro do destino de seu herói? Não se lia na diligência e não se lê nos automóveis. A leitura de viagem está tão associada às viagens de trem como as paradas às estações. É sabido que muitas estações se assemelham às catedrais. Mas queremos agradecer por isso aos pequenos altares móveis e coloridos onde, gritando, um ministrante exorciza a curiosidade, a distração e o acontecimento sensacional quando, por algumas horas, ao passar por algum lugar, como aconchegados em um xale esvoaçante, sentimos em nossas costas o arrepio da tensão e o ritmo das rodas. (BENJAMIN, 2011, p. 36)

Apesar de não se tratar, necessariamente, de um romance policial, *Fiel* traz elementos que poderíamos relacionar aos policiais publicados na atualidade, romances esses que muitas vezes deixam de lado o foco no crime, em si, para colocar em protagonismo o ponto de vista do criminoso. Borram-se as margens fronteiriças que opõem o bem e o mal quando policiais e criminosos encontram-se em ambos os lados do crime, dependendo da situação. Os romances policiais atuais fazem, dessa forma, uma crítica incisiva às instituições. Além disso, essa relativização em relação ao criminoso apresenta ao leitor novas perspectivas possibilitando, assim, diversas formas de interpretação.

É nesse sentido que *Fiel* pode relacionar-se ao gênero policial. O livro narra a história de Felipe, jovem de quatorze anos, residente da favela de Antares, no Rio de Janeiro, que de menino “bom e estudioso” passa à mão direita de um dos líderes do tráfico no morro. A narrativa é direta e fluída, com linguagem acessível, permeada de diálogos curtos e muita ação. Os temas tratados são vibrantes e a trama movimentada o que causa grande expectativa no leitor. Todos esses atributos podem ser associados,

---

<sup>13</sup> Em *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, 1935-1936.



segundo Antônio Candido, ao folhetim romanesco do século XIX que, um século depois, influenciou poderosamente no cinema (CANDIDO, 2011, p. 43). Esses aspectos relacionam-se, também, à fala do próprio autor que caracterizou os livros que inspiraram sua escrita como “parecendo um filme”. Eles garantem a boa recepção por parte do público pelo fato de representarem, para um grupo específico, algo que lhes diz respeito e é por eles apreciado, o que garante o impacto emocional da obra.

### **Publicação, recepção e difusão da obra**

Outro aspecto a ser discutido diz respeito à boa recepção que *Fiel* parece vir tendo desde o seu lançamento em 2014. O fato de ter sido publicada por uma editora comercial certamente influencia a recepção e difusão da obra já que, ao contrário das editoras independentes, as editoras comerciais abarcam um público muito maior ao formarem parte de uma rede de distribuição de longo alcance.

Se, em um primeiro momento, autores que não participavam do circuito intelectual das grandes cidades tiveram que buscar seus próprios meios de publicação através de editoras independentes, ou mesmo da auto-publicação, pode-se afirmar com segurança que este cenário mudou. Grandes editoras buscam lançar títulos com o intuito de que sejam levados pela correnteza do sucesso editorial de livros como *Cidade de Deus* (Cia. das Letras, 1997), *Estação Carandiru* (Estação Carandiru, 1999), e, mais recentemente, *Elite da Tropa* (Objetiva, 2006) que tiveram, respectivamente, mais de 100.000, 460.000, e 170.000 cópias vendidas. A Editora Global lançou, em 2007, a *Coleção Literatura Periférica* que conta hoje com mais de dez títulos publicados. Em 2014, a Editora DSOP, de São Paulo, por sua vez, criou o selo *Literatura Marginal*, com o objetivo de publicar obras de autores da periferia com pouca entrada nas grandes editoras. O escritor Ferréz é o curador do novo selo.

A Objetiva é, desde o princípio dos anos 2000, a editora responsável por lançar os títulos de Celso Athayde e MV Bill. Lançou também alguns títulos de Ferréz. Celso Athayde, ex-presidente da Central Única das Favelas, foi responsável por apresentar o livro de Jessé Andarilho à essa editora. *Fiel* foi lançado, em 2014, como o primeiro título do selo *Favela Objetiva*<sup>14</sup> que faz parte do *Favela Holding*<sup>15</sup>, conjunto de

---

<sup>14</sup> Favela Objetiva é uma parceria com a Editora Objetiva com foco na produção editorial, edição e impressão de obras literárias e livros didáticos criados por moradores de favelas. Com foco na geração de renda, empreendedorismo e novos negócios, a Favela Objetiva vai ampliar também a visibilidade dos escritores das comunidades, propiciando acessibilidade e novos horizontes educacionais a esse público-alvo.

empresas que tem como objetivo central o desenvolvimento de favelas e de seus moradores.

Todas essas iniciativas demonstram a busca de editoras comerciais por uma aproximação às classes populares que anteriormente não eram consideradas ao se contabilizar possíveis consumidores de literatura. Isso implica no interesse por esse grupo da indústria cultural como um todo, tanto no que diz respeito à formação quanto na ampliação de um público consumidor oriundo dessas classes.

A atenção que o livro de Jessé Andarilho tem recebido na mídia nos últimos meses – notas em jornais de grande circulação, convites para participação em eventos literários, e concessão de entrevistas, etc – poderia ser entendida como a espetacularização de um fazer exótico. Coloca-se em primeiro plano a maneira como o livro foi escrito – no celular – e a dificuldade em se concretizar um projeto de criação literária sob condições adversas. No entanto, não são discutidas, nem ao menos mencionadas, as importantes questões que se escondem por trás dessa dificuldade.

Poderíamos, assim, levantar a hipótese de que o que acontece, de fato, é uma colonização de um espaço cultural vibrante, com forte potencial criador, originário das camadas populares e nascido com o intuito de inseri-las no mercado cultural dominado por uma produção literária bastante diversa. Preferimos, no entanto, pensar de modo mais dialético e considerar a possibilidade de que a literatura marginal, publicada por grandes editoras comerciais, cria brechas que possibilitam a organização e difusão de um campo cultural politizador e emancipatório.

## Referências

BENJAMIN, W. *O autor como produtor* In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política. Obras Escolhidas, v. I*. São Paulo: Brasiliense, 1994 (7ª edição).

\_\_\_\_\_. *Literatura policial, em viagem. (Kriminalromance, auf Reisen. Gesammelte Briefe.)* Tradução de: Antônio Carlos Santos. *Revista Letras, Curitiba*, N. 84, P. 31-36,

---

<sup>15</sup> Favela Holding é um conjunto de empresas que tem como objetivo central o desenvolvimento de favelas e de seus moradores. A proposta surge a partir da iniciativa de Celso Athayde, ex-coordenador da CUFA, Central Única das Favelas, que identificou a necessidade da mudança da matriz econômica da favela que, em sua maioria, tem como base a economia informal ou paralela. O projeto alia empresários de diversos segmentos, que assumem o desafio de fazer investimentos em favelas do Rio de Janeiro e apostar no potencial de seus moradores.

Jul/Dez 2011 Editora UFPR Disponível através do site:  
<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/25973/18609>

BOURDIEU, P. *A Distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2013.

CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

DANTAS, J. *Fiel* Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

\_\_\_\_\_. Entrevista a José Luiz Goldfarb, programa *Nova Stella – Ciência e Debate*, TV PUC-SP, São Paulo, 2015.

DO NASCIMENTO, E. *Vozes marginais na literatura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

DURHAM, E. *A dinâmica cultural na sociedade moderna*. Arte em Revista, São Paulo, Centro de Estudos de Arte Contemporânea, n.3, p. 13-14, 1983 (2ª edição).

FACINA, A. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

HOSSNE, A. *O que é a literatura marginal?* Entrevista concedida ao programa Mundo da Literatura, da TV Senac, em 2003. Acesso através do site [https://www.youtube.com/watch?v=z-s\\_5LGlcVk](https://www.youtube.com/watch?v=z-s_5LGlcVk) em agosto de 2015.

PIVETTA, R. *Literatura Marginal: questionamentos à teoria literária*. Revista Ipotesi, Juiz de Fora, v.15, n.2 - Especial, p. 31-39, jul./dez. 2011.

SCHWARZ, R. *Uma aventura artística incomum*, Revista Mais! da Folha de São Paulo, em 07/09/1997.